

ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DA FACE: EM FOCO O DISCURSO RELIGIOSO

*Arlene da Fonseca Figueira**

Resumo: Este estudo tem como propósito analisar os atos de fala manipulativos no domínio discursivo religioso, à luz dos princípios sócio-interacionistas, principalmente os relacionados à noção de linguagem como ação e como atividade social e, ainda, a noção de face como imagem pública Goffman(1970). Na perspectiva sócio-interacionista, a linguagem é uma ação conjunta que emerge quando os interlocutores, além de desempenharem seus papéis individuais, trabalham juntos em unidades sociais. Reconhecer a linguagem como uma forma de ação é reconhecer que a usamos para agirmos no mundo, para, por exemplo, orar, negociar, persuadir, informar, representar. Partindo desse pressuposto, é possível reconhecer que a manifestação linguística que emerge do domínio discursivo religioso traz as marcas dos papéis e dos lugares sociais desempenhados por cada um de seus participantes. O discurso religioso desempenha uma função injuntiva, aquela chamada de conativa ou imperativa, que incita o ouvinte a agir de uma determinada maneira. Pela sua própria essência, está impregnado dessa função, porque a voz que emerge desse discurso é autorizada, isto é, o dirigente religioso é reconhecido, no contrato estabelecido entre ele, Igreja, fiel, como aquele que tem o direito unilateral e não-reversível ao turno. Portanto, nos interessa investigar como esse falante codifica os atos de fala manipulativos no jogo da persuasão e quais os tipos de construções usadas para elicitare ações por parte dos fiéis.

Palavras chave: Discurso religioso. Linguagem. Ação. Atos manipulativos.

Abstract: This study aims to analyze the speech acts in the field manipulative religious discourse in the light of socio-interactionist principles, especially those related to the notion of language as action and as a social activity, and also against the notion of public image as Goffman (1970). In socio-interacionista, language is a joint action that emerges when the interlocutors, in addition to playing their individual roles, work together in social units. Recognize the language as a form of action is to recognize that we use to act in the world, for example, pray, negotiate, persuade, inform, represent. Based on this assumption, it is possible to recognize that the linguistic expression that emerges from the religious domain of discourse bears the marks of social roles and places played by each of its participants. The religious discourse plays a role injunctive relief, that called conative or imperative,

* Doutora em Estudos Linguísticos pela UFF; Professora e coordenadora dos cursos de Letras das FIC/FEUC.
Contato: arleneff@ig.com.br.

which encourages the listener to act in a certain way. By their very nature, is steeped in this function, because the voice that emerges from this discourse is authorized, ie, the religious leader is recognized in the contract between him, the Church, faithful, as one who has the unilateral right and non-reversible the turn. Therefore, we are interested in investigating how the speaker encodes the speech acts in the game of manipulative persuasion and what types of buildings used to elicit action by the faithful.

Key-words:

1 Considerações iniciais

O objetivo deste estudo é analisar os atos de fala manipulativos no domínio discursivo religioso¹, à luz dos princípios sócio-interacionistas relacionados à noção de *linguagem como ação* e *como atividade social* e, ainda, a *noção de face*, como imagem pública, advinda dos conceitos propostos por Goffman (1970).

Na perspectiva do sócio-interacionismo, a linguagem é uma ação conjunta que emerge quando falantes e ouvintes, além de desempenharem seus papéis individuais, trabalham juntos em unidades sociais. É, fundamentalmente, usada com propósito social. Reconhecer a linguagem como uma forma de ação é reconhecer que a usamos para agirmos no mundo, como, por exemplo, ensinar, orar, negociar, implorar, representar, informar e persuadir. Partindo desse ponto de vista, é possível reconhecer que a manifestação lingüística que emerge do domínio discursivo religioso traz as marcas dos papéis e dos lugares sociais desempenhados por cada um de seus participantes.

O discurso religioso desempenha uma função injuntiva, aquela chamada de conativa ou imperativa, que incita o interlocutor a agir de uma determinada maneira. Pela sua própria essência, está impregnado dessa função, porque a voz que emerge desse discurso é autorizada: o dirigente religioso é reconhecido como aquele que tem o direito unilateral e não-reversível do turno. Portanto, nos interessa investigar como esse falante codifica o imperativo no jogo manipulativo da persuasão e quais os tipos de construções usados para eliciar ações por parte dos interlocutores.

Para empreendermos essa pesquisa, elegemos um contexto de fala bastante fecundo - o discurso de três orientações religiosas: da Igreja Católica Apostólica Romana, selecionamos

¹ O domínio discursivo religioso compreende um conjunto de práticas discursivas dentro das quais se pode identificar uma série de atos de fala diretivos, já que a condição essencial do uso de diretivos é tentar fazer com que o fiel execute uma determinada ação futura. Em missas e cultos a ocorrência de diretivos é variável segundo as orientações religiosas que, para além de suas especificidades, se sustentam na idéia de concordância e aceitação da palavra de fé a que se confere sacralização.

missas de orientação tradicional e missas de orientação carismática; da Igreja Protestante, analisamos cultos de orientação pentecostal (Igreja Assembléia de Deus) e cultos de orientação neopentecostal (Igreja Mundial do Avivamento Assembléia de Deus e Igreja Internacional da Graça).

O quadro situacional dessa pesquisa, em termos de *corpora*, recorta, pois, diferentes condições de produção²: o primeiro diz respeito à programação religiosa, católica e neopentecostal, veiculada por emissoras de TV em 2003 e 2004; o segundo diz respeito a eventos religiosos, católico, pentecostal e neopentecostal, gravados ao vivo no Rio de Janeiro. Mesmo em situações distintas, é possíveis constatar, na fala dos dirigentes religiosos, discursos movidos ora pela racionalidade, e até um certo distanciamento, ora marcado pela emoção, envolvimento e forte traço persuasivo. O terceiro diz respeito às orientações religiosas em foco, detalhadas mais adiante: o culto protestante tem, nas suas bases, fundamentação teológica diferente da missa católica; por sua vez, o protestantismo apresenta diferentes orientações religiosas – no caso de nosso estudo, o culto pentecostal e o neopentecostal. Da mesma forma, a missa católica não pode ser confundida com a missa de orientação carismática.

O reconhecimento dessa legitimidade não está apenas na palavra em si, mas nas suas condições de proferimento: a palavra pertence àquele autorizado pelo grupo social, como o porta-voz da palavra divina; o discurso deve ser pronunciado numa situação legítima, isto é, perante receptores legítimos (os fiéis).

Em função dos objetivos desse discurso, prevalecem modelos monológicos de fala, sem muito espaço para o diálogo: ao fiel cabe ouvir e reconhecer como verdade a fala investida pelo poder divino.

2 O enfoque sócio-interacionista

Discutimos, agora, os princípios sócio-interacionistas relacionados à noção de *linguagem como ação* e *como atividade social* e, ainda, *a noção de face*, como imagem pública, advinda dos conceitos propostos por Goffman (1970).

Na perspectiva do sócio-interacionismo, a linguagem é uma ação conjunta que emerge quando falantes e ouvintes, além de desempenharem seus papéis individuais, trabalham juntos em

² Condições e produção, segundo Maingueneau (Termos-chave da análise do discurso. Belo Horizonte:UFMG, 1998, p.30), noção advinda da psicologia social, reelaborada por Pêcheux para designar não somente o meio ambiente material e institucional do discurso, mas ainda as representações imaginárias que os interactantes fazem de sua própria identidade, assim como do referente de seus discursos. Essas representações imaginárias se constituem através do que já foi dito e do que já foi ouvido. Para Pêcheux, elas são ilusórias, pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da Ideologia que o determina.

unidades sociais. É, fundamentalmente, usada com propósito social. Reconhecer a linguagem como uma forma de ação é reconhecer que a usamos para agirmos no mundo, como, por exemplo, ensinar, orar, negociar, implorar, representar, informar e persuadir.

Partindo desse ponto de vista, é possível reconhecer que a manifestação lingüística que emerge do domínio discursivo religioso traz as marcas dos papéis e dos lugares sociais desempenhados por cada um de seus participantes.

O discurso religioso desempenha uma função injuntiva, aquela chamada de conativa ou imperativa, que incita o interlocutor a agir de uma determinada maneira. Pela sua própria essência, está impregnado dessa função, porque a voz que emerge desse discurso é autorizada: o dirigente religioso é reconhecido como aquele que tem o direito unilateral e não-reversível do turno. Portanto, nos interessa investigar como esse falante codifica o IMP no jogo manipulativo da persuasão e quais os tipos de construções usados para elicitare ações por parte dos interlocutores.

A fala do dirigente religioso não prevê interação face-a-face, com trocas de turnos entre os participantes. Na maioria das vezes, prevalecem modelos monológicos onde apenas um (dirigente religioso) detém o poder da palavra, raramente sendo interrompida pelos membros que a escutam (fíéis). Esse é, geralmente, o caso das relações assimétricas.

A função básica da sentença imperativa é a de desempenhar um ato de fala manipulativo. Em

(1)

Ouve a palavra

Deixa de contar história

Pregue a palavra

Fale a palavra (Pastor Our, Igreja Mundial do Avivamento Assembléia de Deus)

o falante detém o direito, por algum critério de *status* social, de ordenar a alguém que execute uma ação. A manipulação implica esse componente de pressuposição: o interlocutor deve reconhecer o poder de autoridade do falante e decodificar o conteúdo implícito no enunciado como verdadeiro para, assim, atender a ordem expressa.

Segundo Bronckart (1999: 37),

nosso conhecimento sobre os lugares sociais, suas normas e sobre os papéis que geram, assim como o conhecimento sobre os mecanismos de exibição-proteção de nossa imagem (ou face, cf Goffman,1973) constroem-se lentamente, de acordo com nossa experiência da vida social e podem ser modificados continuamente. Não é raro nos enganarmos a respeito do lugar social de nossas produções verbais.

Um aspecto importante a ser considerado no estudo do imperativo no domínio discursivo religioso diz respeito às *práticas orais de linguagem*, “momentos de interação face a face mediadas pela cultura, onde um grupo de pessoas une-se para criar e recriar suas vidas sociais diárias” (cf. HALL (1993:145) . Essas práticas envolvem atividades lingüísticas e paralingüísticas instituídas pelos grupos sociais. O dizer, inserido em uma prática social, depende do conhecimento compartilhado que os membros de um grupo têm quanto à ocorrência de uma determinada prática e contexto. *É a convencionalidade dos significados através dos quais as práticas são realizadas que une os participantes com maneiras específicas de realizar e/ou modificar seus atos.*

Para nossa pesquisa, as práticas ritualizadas são importantes por pertencerem a grupos específicos e terem como função mantê-los (Fonseca, 2005) . Os rituais constituem uma grande parte de nossas interações face a face. Essas práticas diárias servem a importantes funções do grupo: maneiras de identificar, manter e transformar os próprios limites grupais.

Através da participação ativa e freqüente nas práticas de um grupo, um indivíduo internaliza a natureza social das práticas, os valores e as metas atreladas à prática e às maneiras através das quais elas são alcançadas. O entendimento torna-se finalmente parte do indivíduo.

Na missa, a Oração Eucarística Oração Eucarística é o momento em que o pão e o vinho são transformados no Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Os gestos e atitudes do dirigente religioso e dos fiéis demonstram o conhecimento compartilhado por esse grupo:

(2)

561 Estando para ser entregue
562 E abraçando livremente a paixão
563 Ele tomou o pão
564 Deu graças
565 E o partiu
566 E deu aos seus discípulos dizendo:
567 Tomai todos e comei
568 Isto é o meu corpo
569 Que será entregue por vós

(Sineta tocando, Padre WAL levanta o cálice e depois ajoelha-se. Todos se ajoelham)

570 do mesmo modo no fim da ceia
571 Ele tomou o cálice com vinho em suas mãos
572 Ele deu graças novamente
573 E deu a cada um de seus discípulos dizendo:
574 Tomai
575 todos e bebei
576 este é o cálice do meu sangue
577 o sangue da nova e eterna aliança
578 que será derramado por vós e por todos
579 para a remissão dos pecados
580 fazei isto em memória de mim

→ **toque da sineta -todos se levantam (Padre)**

Um conceito também relevante para nossa pesquisa é o de *face*, proposto, pela primeira vez, por Goffman(1970). O fato de o falante entrar em contato com outras pessoas rompe um equilíbrio social pré-existente e, assim, constitui uma ameaça potencial à auto-imagem pública dos participantes do ato conversacional. Face é compreendida como a expressão social e pública do eu individual.

Posteriormente, as idéias de Goffman foram complementadas por Brown e Levinson (1978), que estabeleceram a distinção entre *face positiva* (aquilo que o locutor expõe para aprovação ou reconhecimento, isto é, o que corresponde à fachada social, à imagem que tentamos apresentar aos outros) e *face negativa* (referente a atitudes de não-imposição ou à reserva do “território” que o interlocutor deseja ver preservado, ou melhor, o que corresponde ao que é próprio de cada um) . Em numa comunicação que envolva dois participantes, já existem, no mínimo, quatro faces: a positiva e a negativa de cada um dos interlocutores.

Na verdade, em toda comunicação pode haver ameaça a uma dessas faces. Brown e Levinson (op.cit.), observam que alguns atos de linguagem são profundamente ameaçadores da face, seja ela positiva ou negativa (ordens, pedidos, manifestação de opiniões). Os interlocutores buscam estratégias de polidez para preservar suas próprias faces, sem ameaçar a do outro. Nosso conhecimento e atitude do que fazer com a linguagem (como e quando fazê-lo) são baseados na interação social diária.

No exemplo abaixo, o dirigente religioso procura atenuar o tópico em questão (oferta dos fiéis) , buscando reduzir os efeitos indesejados desse comando (o pedido de dinheiro durante o culto pode gerar esse efeito), adequando o que foi dito ao contexto (o culto).

(3)

303 Agora dentro desse envelope
304 Você também poderá colocar
305 A sua oferta
306 De amor e gratidão
307 Você não é obrigado a fazer isso
308 Você só vai fazer, se você quiser
309 E se você puder
310 Essa oferta é voluntária
311 Mas se você quiser deixar
312 A parte dele
313 Fazer parte da oferta
314 Da grande vitória
315 Talvez quando você sair daqui
316 A bênção que você veio buscar
317 O Senhor já lhe concedeu
318 Então
319 Você que veio buscar
320 Uma grande bênção

- 321 Na casa do senhor
 322 Não dê para Deus
 323 O pior que você tem
 324 Porque Ele sempre tem
 325 O melhor
 326 Pra sua vida
 327 Enquanto nós estaremos
 328 Louvando ao Senhor → Música: A vitória é sua
 329 Nossos obreiros e nossas obreiras → Cerca de 100 obreiros, uniformizados, com crachás,
 330 Estão ti entregando este envelope passando e entregando os envelopes
 331 Pra você colocar o pedido de oração
 332 E sua oferta de amor
 333 Em nome do Senhor
 334 Jesus Cristo (Pastor Dan, Igreja Assembleia de Deus))

Como constatei em Fonseca (2000), as estratégias de preservação da face tornam-se bastante evidentes em interações assimétricas. Os usuários se utilizam dessas estratégias, porque elas estão relacionadas com o esforço permanente de regular a preservação da face (imagem pública). O falante procura resguardar a face pública e busca preservar a auto-imagem.

Missas e cultos são encontros institucionalizados que se caracterizam por estabelecer relações assimétricas entre os participantes (quanto maior o *status*, maior o poder). O poder interacional é originado de poder social do sujeito envolvido na interação. A balança de *status* do poder, da obrigação entre os participantes de um evento comunicativo determina a construção de manipulação a ser usada. Questões de polidez, propriedade, respeito e medo são importantes para a escolha da construção manipulativa: quanto maior o poder/status, maior a obrigação do ouvinte para obedecer e menor a necessidade de deferência por parte do interlocutor. Instaurando marcas de desigualdades entre os interlocutores, a assimetria surge dos papéis diferenciados dos participantes do discurso. A posse da palavra pertence a um só, predominam as desigualdades entre as partes, a interação é assimétrica.

Assimetria é uma característica inerente ao domínio discursivo religioso. Ao dirigente religioso é garantido o poder de falar em nome de Deus, porque seu papel social é revestido de poder institucional. Ao fiel cabe o papel de ouvir e seguir os ensinamentos. Por ocupar uma posição privilegiada nesta relação, o líder religioso detém a maior parte da fala, de iniciar e sustentar os turnos conversacionais, enfim, de dirigir o discurso de acordo com os tópicos mais adequados aos interesses da Igreja.

No discurso religioso, a depender da orientação religiosa em foco, há, por parte do dirigente, maior ou menor obrigação de preservar a face. Principalmente quando a enunciação é ameaçadora por natureza: tom autoritário, ordem, pedido de dinheiro.

Por outro lado, o discurso religioso pode ser menos ameaçador das faces, porque é buscado pelo fiel, que se alinha às perspectivas da Igreja no qual está inserido.

Durante missas e cultos, o dirigente religioso lança mão, em vários momentos, de estratégias de polidez, para que não sejam, de certa forma, inoportunos ou constrangedores os seus atos de fala..

O dirigente religioso, embora atuando em nome de uma instituição religiosa, ancorados em seus rituais e legitimados por suas normas específicas, transitam também em áreas que não pertencem somente à esfera espiritual: operam a fim de minimizar diferenças que existem entre dois campos específicos da essência humana – a dimensão profana e a dimensão sagrada. Na dimensão profana, a conduta do fiel é determinada, indicando como ele deve agir e o que deve fazer no seu dia-a-dia. Nessa dimensão, a obediência aos comandos impostos pelo líder religioso é a única coisa que importa. Na dimensão sagrada, prevalece a aceitação da palavra de Deus, conforme os dogmas da orientação religiosa, como algo incontestável.

Abaixo, o pastor DAN usa a imagem do jogador Ronaldo para estabelecer as condutas que devem ser seguidas pelo fiel:

(4)

586 Meus amados irmãos
587 Eu quero aqui
588 Nessa pequena ilustração
589 Que Deus colocou no meu coração
590 Pra produzir essa mensagem
591 **Analisar o comportamento moral**
592 **Do jogador de futebol Ronaldinho**
593 Com esforço e disciplina
594 Que esse rapaz mostrou diante das dez contusões
595 E das três operações feitas
596 No joelho direito desse jogador
597 Em 1998 por causa de 3 lesões
598 Uma contusão
599 O jogador ficou vinte semanas sem jogar
600 Em 1999
601 Por causa de uma ruptura do tendão da sua perna direita
602 Ele ficou mais vinte semanas sem jogar
603 Em 2000
604 Acontece uma ruptura completa do tendão
605 Da sua perna direita
606 E aí ele fica 69 semanas sem jogar
607 Em 2001 ele tem três estiramentos muscular
608 Na mesma perna direita
609 E fica mais 21 semanas sem jogar bola
610 O próprio jogador numa entrevista
611 Na época
612 Na revista Época
613 Ele declarou :

614 A minha vida é pura desilusão
 615 Mas apesar de todas essas crises
 616 que este jogador passou
 617 o interessante é que
 618 diante de todas essas crises
 619 no ano de 2002
 620 esse jogador foi campeão do mundo
 621 com todas as honras da Copa do mundo
 622 e o tema que eu gostaria
 623 **de compartilhara com os irmãos**
 624 **nessa noite é**
 625 **como conquistar vitórias**
 626 **no meio das crises**
 627 **como conquistar vitórias**
 628 **no meio das crises**
 629 Esse jogador teve uma crise terrível
 630 na sua carreira profissional
 631 lembro-me que nessa época
 632 com todas essas lesões
 633 essas contusões e operações
 634 muitos diziam pra esse rapaz
 635 não tem mais jeito
 636 ele está bichado
 637 não tem mais jeito
 638 mas em meio a todas essas crises
 639 ele superou
 640 Através de treinamentos intensivos
 641 Através de fisioterapias
 642 **Ele não entregou os pontos**
 643 **E meses depois**
 644 **Ele foi pra seleção**
 645 **Com todo o gás**
 646 **E foi campeão do mundo**
 647 **Com todas as honras**
 648 **Que ele poderia ter** (Igreja Assembléia de Deus)

A recuperação da intenção comunicativa de quem fala é outra questão importante para a análise das construções imperativas no domínio discursivo religioso. Nesse caso, podemos afirmar que a identificação da força ilocucionária de um enunciado produzido por um determinado falante corresponde à identificação da intenção comunicativa desse locutor. A força ilocucionária serve para caracterizar um enunciado como uma pergunta, uma afirmação, um pedido de desculpas, um aviso, uma advertência, etc. Por exemplo:

(5)
 723 Agora
 724 Eu gostaria
 725 de fazer uma pergunta a toda a igreja:
 726 **como nós podemos conquistar vitórias**
 727 **no meio das crises**
 728 **como nós podemos?**
 729 O próprio texto que nós acabamos de ler

730	Cristãos
731	Em primeiro lugar
732	O que nós precisamos
733	É procurarmos um bom relacionamento
734	Com as pessoas que estão à nossa volta
735	Para nós conquistarmos
736	Vitórias em meio às crises
737	Precisamos procurar um bom relacionamento
738	Com as pessoas (Pastor Ale, Igreja Assembléia de Deus)

A locução é convencionalmente interpretada como uma interrogação. No entanto, a força ilocucionária corresponde a comando (o que nós precisamos é procurarmos um bom relacionamento com as pessoas que estão à nossa volta), atenuado pelo uso de outro ato de fala.

No cenário dos atos de fala inscritos em encontros institucionalizados, como o do discurso religioso, o que está em uso pode ser uma ordem, um pedido, uma advertência, uma ameaça, uma afirmação, uma questão interrogativa, uma tentativa de manipulação, de coerção, uma ironia. A identificação dessas forças é relevante para que haja a cooperação entre os interlocutores. No discurso religioso, o interlocutor tem o auxílio de pistas contextuais imediatas, tais como gestos, expressões faciais, prosódia (tom) para identificar a força ilocucionária usada pelo locutor.

No caso do nosso objeto de estudo, a codificação não-verbal – gestualização dêitica (levantar os braços, segurar a Bíblia), expressão fisionômica (um olhar peremptório) e traços prosódicos também modulam o imperativo, atenuando-o ou intensificando-o.

É extremamente relevante apreender os aspectos pragmáticos dos enunciados, para uma melhor compreensão dos usos do imperativo no domínio discursivo religioso. É preciso saber como e com que finalidade a linguagem está sendo empregada naquele momento. Nesse sentido, precisamos identificar os atos de fala em usos; as implicaturas conversacionais e convencionais; o princípio de polidez; as relações de deferência; o contexto de uso da linguagem; a intencionalidade e a intenção comunicativa do locutor.

Para a perspectiva que defendemos, a busca pelos sentidos implica a investigação das regras de usos das construções imperativas no domínio discursivo religioso. Assim, precisamos observar os diversos comportamentos lingüísticos nesse domínio: o que o dirigente religioso está fazendo com a linguagem (ou o que a relação de *status* desses líderes lhes permite fazer com a linguagem), como os fiéis cooperam nas diversas interações dos cultos e missas e por que motivo os participantes desses eventos dizem determinadas coisas em determinados contextos.

A depender da orientação religiosa, da parte do rito e da entidade invocada, o dirigente religioso lança mão de uma série de estratégias com fins definidos: investido no discurso de autoridade legítima, usa o imperativo para alcançar os objetivos de convencer e reafirmar os propósitos da fé, segundo a doutrina religiosa.

Com relação aos usos do imperativo pelo dirigente religioso, podemos observar que o ofertório é o momento em que o fiel deve oferecer a Deus tudo o que tem, não só as coisas materiais mas também as espirituais. Os usos do imperativo pelo dirigente religioso refletem a função discursivo-pragmática do ofertório: a entidade invocada é o fiel, porque cabe a ele oferecer a Deus o que tem de melhor; o sacerdote lança mão de atos de fala direto e indireto com diferentes forças ilocucionárias e diferentes codificações lingüísticas:

(6)

Ofertar ao Senhor nesse dia	→ ato de fala direto
a vida de cada um de nós	
mas principalmente	
daqueles que trabalham destemidamente	
e dedicam em suas comunidades	
Isso é viver o batismo	
Aqui no santuário	
Quem quiser fazer a sua oferta	→ ato de fala indireto
que ajuda a manter esse Santuário	
vai nos corredores	
Nestes cofres	
você pode nos ajudar	
a continuar essa obra	
evangelizadora	
lá de casa	
você liga	→ ato de fala direto
para 03002101210	
e participa da campanha dos devotos	
Cantemos o cântico das oferendas	
(Padre MAR - Missa da Igreja Católica Apostólica Romana)	

Com relação aos efeitos do imperativo no fiel (II), o exemplo a seguir é bastante ilustrativo:

(7)

DFER	aqui ninguém pecou jamais
	Não é verdade?
	Pecamos ou não?
POVO	Pecamos
D FER	Todos somos pecadores!!
	Mas não esqueçam:
	a misericórdia de Deus
	vence tudo
	A bondade de Deus
	Transforma de fato a nossa vida

	Quem é que pode testemunhar isso levanta o braço	→ Ação concreta: os fiéis levantam o braço
	A misericórdia de Deus é maior É maior do que todos os pecados E é por isso Que agora com toda a confiança pedimos perdão dos nossos pecados	
PMR	Erga a sua mão para o alto	→ Ações concretas: os fiéis levantam os braços e começam a rezar
	Purificai, Senhor as minhas mãos (Música)	→ Ações concretas: aplausos, os fiéis com as mãos para o alto
	(Bispo DFER – Igreja Católica Apostólica Românica de orientação carismática)	

O próximo exemplo ilustra respostas não-concretas, abstratas, relacionadas à dimensão da fé e do simbólico: pense, medite, arrependa-se, tenha fé, acredite em Deus:

(8)	
WAL	Meu caro Sede firme na fé Meu irmão minha irmã
	(Padre WAL – Missa da Igreja Católica Apostólica Romana de orientação carismática)

A intencionalidade está inscrita na própria linguagem: nesse sentido, os *corpora* analisados no impõem algo mais do que a caracterização de formas e funções do imperativo e, por isso, consideramos que, para melhor compreendermos a complexidade da intencionalidade de atos de fala inscritos no domínio discursivo religioso, temos de adotar uma postura interdisciplinar para dar conta de questões ideológicas, sociológicas, lingüísticas e cognitivas. É importante, desde já, esclarecer que não pretendemos operar com a análise do discurso religioso em si, mas acreditamos que o trabalho do pesquisador se torna mais eficiente à medida que conhece os campos relacionados com o tema que pretende analisar.

No domínio discursivo religioso, é possível reconhecer diferentes formas de comportamentos adaptadas ao meio do qual esse domínio emerge. Os participantes do rito religioso elaboram diversos elementos de representação desse meio, organizando a linguagem em função das práticas sociais compartilhadas pelos componentes desse grupo social. Assim, a depender dos interesses e dos objetivos compartilhados, os participantes constroem diferentes modos de funcionamento da língua, isto é, diferentes *formações discursivas*.

O lugar social da produção verbal que emerge do domínio discursivo religioso configura-se a partir do *cenário*, isto é, do *locus* onde ocorre esse uso da linguagem. Cenário, segundo da CLARK (1996), é a combinação da *cena* (o lugar onde ocorre o uso da linguagem) e do *meio*

(como a linguagem é usada pelos falantes : língua falada ou escrita).

O *cenário* é o lugar onde cada participante realiza ações com a linguagem, desempenhando papéis previamente estabelecidos. Tais ações são coordenadas em conjunto em função dos participantes compartilharem aos mesmos sinais, isto é, o mesmo sistema de crenças e de inferências. É isso que possibilita a interpretação das intenções dos interlocutores envolvidos nesse jogo de linguagem. Assim, não basta apenas dominar a mesma língua, é preciso também reconhecer os sinais criados pelo grupo social.

Nos exemplos abaixo, os fiéis são capazes de compreender o comando (fazer o sinal do credo), mesmo que não tenha sido dado explicitamente pelo dirigente religioso.

(8)

186	D FER	O senhor esteja convosco	
187	FIE	Ele está no meio de nós	
188		Proclamação do evangelho de Jesus Cristo	
189		segundo Marcos	→os fiéis fazem o sinal do credo

O *meio* usado pelo dirigente religioso e pelos fiéis é a língua falada. Não cabe aqui visão inocente de que esses *corpora* não estão impregnados de textos escritos: nas missas e nos cultos há uma fala baseada nos cânones do Evangelho. Em nossa pesquisa, adotamos a noção de fala, porque não seria possível, em função do tempo e do recorte escolhido, trabalhar , também, com *continuum* entre a oralidade e a escrita, já que essas modalidades não são categorias polares, dicotômicas, mas se imbricam no jogo interacional da produção de sentidos.

O *contexto* também é um aspecto importante para a compreensão dos usos do imperativo no domínio discursivo religioso. Em função do forte apelo à emoção, o contexto onde são celebradas as missas da Renovação Carismática Católica tendem a concentrar um grande número de fiéis.

Não é apenas o *contexto de produção* (a situação física em que o enunciado é produzido) que nos possibilita a interpretação dos enunciados, mas também o *contexto de processamento*, por englobar o *contexto cognitivo*, o *contexto de produção e interpretação* (crenças, ações, conhecimentos enciclopédicos, conhecimentos partilhados, conhecimentos prévios, domínios de normas comunicativas) .

No domínio discursivo religioso, o contexto é fixado previamente: os participantes, de uma certa forma, compartilham de um mesmo sistema de crenças e ritos; mas, em função do contexto de processamento, é possível afirmar parte desse contexto emerge no momento do discurso.

Outro fato também relevante para nossa pesquisa diz respeito às *práticas orais de linguagem* que surgem em função do contexto de processamento do discurso religioso. HALL (1993:145) define as práticas orais como “momentos de interação face a face mediadas pela cultura, onde um grupo de pessoas une-se para criar e recriar suas vidas sociais diárias”. Essas práticas envolvem atividades lingüísticas e paralingüísticas que são instituídas pelos grupos sociais. Assim, o dizer, inserido em uma determinada prática social, depende do conhecimento compartilhado que os membros de um grupo têm com relação às práticas e ao contexto construído por esse grupo. Todo o uso da linguagem está diretamente ligado ao conhecimento sociocultural compartilhado por esse grupo.

No cenário dos atos de fala inscritos em encontros institucionalizados, como o do discurso religioso, o que está em uso pode ser uma ordem, um pedido, uma advertência, uma ameaça, uma afirmação, uma questão interrogativa, uma tentativa de manipulação, de coerção, uma ironia. A identificação dessas forças é relevante para que haja a cooperação entre os interlocutores. No discurso religioso, o interlocutor tem o auxílio de pistas contextuais imediatas, tais como gestos, expressões faciais, prosódia (tom) para identificar a força ilocucionária usada pelo locutor. Essas pistas são importantes para que possamos observar no texto que emerge do domínio discursivo religioso não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas desse dizer.

Assim, a depender da parte do rito e da entidade invocada, há diferentes funções discursivo-pragmáticas nos usos do imperativo pelo dirigente religioso.

3 Considerações finais

As pesquisas lingüísticas relacionados ao domínio discursivo religioso, atualmente, têm uma tendência a reconhecer que seu objeto deve ser focado com rigor científico, nos mais diversos níveis do saber humano e nas mais diversas situações, desenvolvendo teorias discursivas que demonstram a existência de marcas discursivas específicas nesse discurso.

Analisando o material colhido, em suas perspectivas lingüísticas e contextuais, isto é, a partir de um olhar pragmático e tendo em vista as categorias analíticas aqui defendidas, a primeira conclusão a que se pode chegar é a constatação de que a discursividade religiosa de orientação católica e neopentecostal enquadra-se no âmbito das ações estratégico-instrumentais, dentro das quais fracassa, muitas vezes, uma vinculação dialógica.

O resultado dessa construção de sentidos é o desenvolvimento de modelos monológicos de fala, sem qualquer espaço para o diálogo, ou que, quando são criados, culminam, conforme se

constata, em jogos e encenações, destituídos das pretensões de validade caracterizadoras da interlocução comunicativa.

A assimetria é uma característica inerente ao domínio discursivo religioso, em virtude relação estabelecida entre Igreja/dirigente religioso/fiel, e, também, em virtude do poder que é conferido a cada um destes interagentes, pela próprio contrato estabelecido entre a Igreja e os fiéis.

Ao dirigente religioso é garantido o poder para falar em nome de Deus/Igreja. O fato de ocupar uma posição privilegiada nessa relação confere ao dirigente religioso o direito de falar, de iniciar e sustentar os turnos conversacionais, de dirigir o discurso de acordo com os tópicos conversacionais que ele julga serem relevantes para a missa/culto.

O estudo do imperativo, no domínio discursivo religioso, prevê a análise das assimetrias sociais, buscando-se observar situações em que alguns dos participantes da interação, no caso os dirigentes religiosos, encontram-se numa posição social superior em relação aos demais.

Referências bibliográficas:

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos** – por um interacionismo sócio discursivo. São Paulo: EDUC/ PUC, 1999.

BROW, P. LEVINSOL, S. C. . **Politeness** – some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

CLARK, H.H. **Using language**. Cambridge University Press, 1996.

FONSECA, A. **O imperativo no português**: uma visão pragmático-funcional. Dissertação de Mestrado. Niterói, Instituto de Letras: Universidade Federal Fluminense, 2000.

_____. **O domínio discursivo religioso**: as faces do imperativo e de seus efeitos no fiel . 218f . Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

GOFFMAN, E., (1970) **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.

HALL, J. K. **The role of oral practices in the accomplishment of our everyday lives**: the sociocultural dimension of interaction with implications for the learning of another language. *Applied Linguistics*, Vol.14,No.2. Oxford University Press, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.